



Texto recebido em 24/03/2025

Aprovado em 02/05/2025

doi 10.11606/0103-2070.ts.2025.235060

Sergio Miceli. *A força do sentido*. São Paulo, Perspectiva, 2022. 96 pp.

Por Arthur Bueno

Universidade de Passau, Passau, Alemanha
<https://orcid.org/0000-0001-8705-7613>

A matriz dos possíveis

Num dos pontos altos de *A força do sentido*, Sergio Miceli destaca como o arbitrário cultural, para além do conhecido argumento saussuriano, pode ser compreendido em chave maussiana. O caráter arbitrário das representações sociais não implica sua mera fortuidade, tampouco sua redução a epifenômenos da dominação econômica ou política; ele decorre, antes, “de uma opção, da escolha de cada sociedade em face da matriz de modalidades possíveis” (Miceli, 2022, p. 45). No livro, o argumento de Mauss é mobilizado para indicar como seus escritos antecipam aspectos do estruturalismo de Lévi-Strauss. Para além disso, essa formulação oferece uma chave de leitura para este volume hoje, cinquenta anos após sua publicação como introdução de *A economia*

das trocas simbólicas, primeira coletânea de Bourdieu ([1974], 2011) editada no país.

Em vias de iniciar seu doutorado com o sociólogo francês, à época pouco conhecido no Brasil, Miceli apresenta as balizas da teoria bourdieusiana ao aquilatar suas filiações, bem como suas críticas, às tradições sociológicas encabeçadas por Durkheim, Marx e Weber. Contudo, o texto vai muito além da mera exposição dos preceitos do mestre. Ao explorar as relações da sociologia de Bourdieu com as fontes clássicas e seus concorrentes contemporâneos, Miceli toma partido inequívoco do orientador, mas não se furta a assumir uma voz própria e mesmo discordante. Essa postura já se anuncia nas primeiras páginas do texto: em contramão explícita à crítica bourdieusiana da “tentação profética” nas ciências humanas, Miceli sugere que a relevância de sua teoria seja aferida pelo vínculo possível com “um projeto que almeja transformar o existente” (2022, p. 20). Embora o próprio Bourdieu mais tarde tenha compreendido sua teoria em termos similares, esse não era o sentido prevalente em suas obras daquele período, nas quais se destacava sobretudo a face cientista do autor. Lida do outro lado do Atlântico, na periferia do capitalismo, a jovem sociologia bourdieusiana

já assumia matizes distintos daqueles predominantes em seu meio de origem.

Na interpretação de Miceli se apresentam, desse modo, tanto os rumos tomados à época pela sociologia bourdieusiana quanto seus caminhos potenciais. O efeito é amplificado pela postura compreensiva, sem descuidar do exame crítico, com a qual o autor reconstrói as querelas entre Bourdieu e as diferentes linhagens sociológicas. Tornam-se visíveis, então, não apenas suas tomadas de posição, mas também o campo dos possíveis no qual estas se inscreviam. Mais ainda, ao expor as fricções da teoria bourdieusiana com as fontes que a informaram, *A força do sentido* revela outra “matriz de modalidades possíveis”: aquelas abertas, porém recusadas – ou perseguidas de maneira ambígua – pelo sociólogo bearnês.

Nisso reside uma das principais riquezas deste livro, o qual descortina, a cada nova contenda teórica de Bourdieu com seus interlocutores, uma variedade de caminhos a solicitar uma decisão. Ao mesmo tempo, certos *leitmotifs* percorrem o volume, sendo um deles a questão da prática ou, designada em chave marxista, da “*práxis social*” (*Idem*, p. 65). De fato, como já indicara o relevo à pertinência política da sociologia de Bourdieu, esse é um tema central do texto. A estruturar a interpretação miceliana estão dois eixos principais: de um lado, a contraposição entre estrutura e agência; de outro, o contraste entre o simbólico como meio de integração moral e como função da dominação e do conflito. Orientado por tais balizas, Miceli situa as diferentes concepções de prática desdobradas em cada uma das grandes linhagens sociológicas, apontando suas contribuições e lacunas. Ao longo do percurso, é reconhecível o intento de ressaltar a força da teoria bourdieusiana, notadamente em sua capacidade de combinar

perspectivas diversas, superando ao mesmo tempo suas respectivas deficiências.

Como se sabe, tal esforço foi duplamente bem-sucedido: cinquenta anos depois, não só Bourdieu veio a se estabelecer como autor canônico das humanidades, como a própria apresentação de Miceli formou gerações de pesquisadores, tornando-se um texto clássico das ciências sociais brasileiras. Por isso mesmo, a releitura desse escrito produz, hoje, um efeito singular. No início da década de 1970, embora começasse a destacar-se no ambiente francês, a teoria bourdieusiana não havia ainda se consolidado a ponto de assumir o aspecto de um sistema quase acabado, como sugeriram depois ex-discípulos como Boltanski. *A força do sentido* registra, logo, um momento em que as marcas da gênese da teoria estão mais visíveis; ele capta de maneira arguta o processo de emergência desse arcabouço, bem como os traços deixados nele pelos embates com as perspectivas concorrentes. Em lugar de um sistema fechado, o que se evidencia é o agudo tensionamento interno da sociologia de Bourdieu, atravessada por pontos de vista divergentes que ela procura, em todo caso, manejar. A impressão, no texto miceliano relido agora, não é de uma diminuição do poder explicativo dessa sociologia, mas sua ampliação. Em estado de *esboço*, a teoria de Bourdieu se apresenta mais errante, menos segura e, por isso, mais versátil e preñe de possibilidades.

Esses potenciais vêm à tona no texto miceliano na forma de embates entre as diferentes noções de prática incorporadas criticamente por Bourdieu. A primeira parte do livro, dedicada à linhagem durkheimiana, destaca aspectos dessa tradição fundamentais para o sociólogo bearnês, como a atenção à lógica própria dos sistemas simbólicos e a ideia de que as estruturas sociais se perpetuam ao engen-

drarem, via socialização, os portadores de suas práticas. Contudo, já nesse ponto surge uma divergência importante entre tal concepção e os influxos marxistas igualmente presentes na sociologia bourdieusiana. Se, para os durkheimianos, os fenômenos simbólicos são o *locus* de uma integração lógica e moral, a tradição marxista os interpreta predominantemente em chave “alégorica” (*Idem*, p. 30), encarando-os como instrumentos de ocultação das contradições e dos conflitos sociais.

Miceli se dedica a esclarecer como essas diferentes concepções podem conviver, sem cair no ecletismo, sob o mesmo guarda-chuva teórico. Da perspectiva atual, é sugestivo que esse esforço elucidatório antecipe, como uma tensão interna à obra de Bourdieu, um debate que se tornaria central para os rumos da sociologia francesa. Com efeito, parte das objeções posteriores dirigidas à chamada “sociologia crítica” pode ser entendida, na chave de *A força do sentido*, como compartilhando a preocupação durkheimiana com a integração moral, bem como a atenção maussiana à agência individual. A julgar por tais objeções, a teoria bourdieusiana estaria mais próxima do marxismo estruturalista de Althusser – abordado por Miceli na segunda parte do livro – do que o sociólogo bearnês estaria disposto a reconhecer. Ambas compartilhariam, em suma, uma ênfase excessiva nas injunções estruturais, no papel da ideologia como mecanismo de dominação social e na posição privilegiada do teórico em relação aos agentes, tratados como “*cultural dopes*”. Sem entrar aqui no mérito da questão, é digno de nota que os limites da sociologia de Bourdieu, tal como encarados pelos contendores da geração seguinte, sejam similares aos que ele mesmo identificara nos althusserianos, apoiando-se em parte da tradição durkheimiana. Abrindo caminho a uma tal

visada retrospectiva, o texto de Miceli oferece ao leitor de hoje uma maneira renovada de considerar esse debate. O que num momento se apresenta como um confronto entre dois partidos, a favor ou contra Bourdieu, no outro pode aparecer como uma contradição ou uma complexidade – ao gosto do freguês – interna à sua própria sociologia.

A leitura desse texto hoje enseja, assim, uma reavaliação dos aspectos durkheimianos da sociologia de Bourdieu, bem como sua relação com os elementos contrastantes provenientes das análises marxistas. Tratada em *A força do sentido* de um ponto de vista teórico, a questão não deixou de marcar de modo latente os trabalhos posteriores do sociólogo brasileiro, sendo abordada mediante a elaboração dos materiais de análise. Pense-se, por exemplo, na abertura de *Nacional estrangeiro*, publicado duas décadas depois. Miceli (2003) explora ali os sentidos de um achado empírico primoroso: a dedicatória no verso do quadro *Homem com cachorro*, do pintor cubista Fernand Léger, a Paulo Prado, que encomendara a obra. “*Allo allo/ Monsieur Prado/ Voici le nuovo/ petit tablo/ est-il plus bo/ Allo allo*”: a leveza dos versos combina com o estilo da composição, versão adaptada de uma tela anterior, cujas alterações atenuaram os desafios formais do cubismo e o tornaram mais palatável às convenções figurativas da elite paulistana. Prova de um ajuste calculado aos gostos modernistas *ma non troppo* dos mecenas brasileiros, o “petit tablo” de Léger documenta tanto uma transação interessada quanto um esforço de integração moral e estética. Não há como desvincular um aspecto do outro: a transação se apoia na integração, a integração ocorre por meio da transação.

Em 1974, tais debates assumiam outros contornos, sendo travados primordialmente

no plano teórico. No segundo capítulo do livro, dedicado ao marxismo, Miceli centra esforços na relação entre Bourdieu e Althusser. Embora registre as confluências entre os autores, ele sublinha aquilo que distancia o primeiro do segundo: acima de tudo, uma concepção de prática não restrita à mera execução das normas sociais. Combinando estruturalismo e uma abordagem do simbólico centrada na dominação, o marxismo althusseriano concederia pouco espaço a aspectos essenciais da prática, em especial sua adaptabilidade (agência individual) e suas motivações intrínsecas (integração moral). São esses elementos, justamente, que Bourdieu encontra em Mauss e Durkheim, mas também nas correntes fenomenológicas e no marxismo de Gramsci.

O destaque dado às dissensões com Althusser decorre, em particular, de sua posição dominante no marxismo da época. Décadas depois, num cenário em que as sociologias de viés fenomenológico e compreensivo ganharam proeminência, adquirem interesse renovado os trechos de *A força do sentido* que ressaltam as confluências de Bourdieu com o marxismo, ou ainda, seus diálogos em estado latente. Como observa Miceli, os althusserianos concebem a prática à luz da caracterização marxiana do trabalho, encarando as práticas políticas e ideológicas em termos análogos aos da produção: em lugar da transformação de uma matéria-prima em um produto, ter-se-ia a transformação de relações sociais por meios políticos ou da consciência por meio da autorreflexão. Em perspectiva bourdieusiana, Miceli critica esse passo como uma “partenogênese teórica” (*Idem*, p. 72), no âmbito da qual as relações entre diferentes instâncias seriam tratadas como meras traduções de uma mesma frase. Ao mesmo tempo, o comentário não deixa de indicar a similaridade entre essa

abordagem e a forma pela qual o próprio Bourdieu expandiu categorias como “produção”, “mercado” e “capital” para além de seu domínio estritamente econômico, revelando as homologias estruturais e os princípios de transformação entre diferentes práticas sociais.

Ao evidenciar, apesar das divergências com Althusser, os traços persistentes da concepção marxiana de trabalho na sociologia bourdieusiana, essa interpretação sugere um liame subjacente com certas temáticas materialistas – por vezes eclipsado, seja pela ênfase construcionista do sociólogo francês, seja por sua inclinação a uma concepção weberiana de mercado. A leitura de Miceli revela, nesse contexto, o quanto a centralidade do corpo nos escritos de Bourdieu se deve tanto a Mauss quanto a Marx. Ao leitor de hoje, pode soar paradoxal que esse tópico seja tão proeminente na sociologia bourdieusiana, enquanto o motivo marxista do metabolismo com a natureza permaneça em segundo plano. O corpo bourdieusiano é, sobretudo, um corpo simbolizado – ou, no máximo, um corpo libidinal, como se destacaria em escritos posteriores sob o influxo da psicanálise. Seu envolvimento em ritmos e ciclos naturais, suas vulnerabilidades e forças vitais – fundamento tanto da exploração quanto da resistência a ela –, sua capacidade de ser afetado tanto quanto de afetar: tudo isso não está inteiramente ausente, mas tampouco ocupa um lugar central na versão consagrada da teoria de Bourdieu. *A força do sentido*, contudo, nos convida a retornar a sua obra e buscar, nas entrelinhas, indícios que apontam nessa direção. O liame, como mostra Miceli, está lá.

O último capítulo do livro é dedicado a Weber e, embora seja o mais breve dos três, representa o cume da interpretação miceliana. Significativamente, esta parte é também a menos atravessada por confrontos diretos entre

a sociologia bourdieusiana e suas fontes clássicas, ainda que divergências pontuais entre os autores não deixem de ser comentadas. A bem dizer, embora a leitura miceliana da sociologia religiosa de Weber passe pelo filtro da interpretação bourdieusiana, a ênfase entre ambos parece aqui se deslocar: o sociólogo alemão assume a boca de cena, enquanto o francês é remetido ao pano de fundo, reaparecendo em certos momentos para logo recuar novamente. Com efeito, Miceli encontra em Weber um ponto de equilíbrio entre os eixos de análise articulados nos capítulos anteriores. Tudo se passa como se, após seguir Bourdieu na leitura de Weber, ele sugerisse o movimento inverso: ler Bourdieu à luz de Weber. Se o sociólogo francês saiu vitorioso dos confrontos anteriores com o durkheimianismo e o marxismo, neste ponto o jogo parece se inverter, e é ele quem ainda tem algo a aprender com o autor de *Economia e sociedade* (1991).

Como destaca Miceli, a análise weberiana das disputas religiosas é capaz de dar conta tanto da autonomia relativa do simbólico quanto de seu peso e eficácia no trabalho de dominação. Além disso, ao focar as relações entre sacerdotes, profetas e leigos no interior dos aparatos simbólicos, ela fornece instrumentos para captar tanto as injunções estruturais como as margens de manobra dos agentes. Esta é, diz Miceli, “a contribuição original de Weber”: ao mesmo tempo que refere a produção de bens simbólicos às demandas conflitantes das classes e dos estamentos, ela identifica a eficácia de um discurso simbólico em sua capacidade de transfigurar a ordem social ao “erigir uma suprarrealidade a cimentar pelo simulacro o sistema de relações sociais objetivas” (2022, p. 92).

De quebra, como observa Miceli, essa abordagem “relega a segundo plano a teoria sociológica na raiz da análise histórico-comparativa”:

os instrumentos conceituais sistematizados por Weber – os tipos ideais, a noção de carisma, o conceito de estamento – são mobilizados aqui “pela mediação da postura historicista” (*Ibidem*). Logo, também no que se refere à relação com a pesquisa empírica, a sociologia weberiana fornece um ponto de equilíbrio. Embora sustentada por um aparato conceitual de grande ambição sistemática, ela privilegia o uso desses conceitos em situações concretas, nas quais “os protagonistas sociais [...] se defrontam no campo de batalha religioso” (*Ibidem*). Lido em retrospectiva, o comentário se revela antecipatório de uma diferença marcante entre os estilos sociológicos de Bourdieu e Miceli, tal como se delinearam nas décadas seguintes.

Apesar do peso conferido pelo sociólogo francês aos embates históricos entre agentes sociais, suas análises se ancoram em um arcabouço conceitual denso, marcado por disputas teóricas explícitas, a começar por aquelas com a filosofia. Disso adveio parte considerável do sucesso da empreitada bourdieusiana, orientada por apostas em diversas frentes simultâneas. Ao mesmo tempo, trata-se de uma postura que, no limite, corre o risco de abafar a riqueza dos achados empíricos. Esse estilo chega ao paroxismo no *Esboço de autoanálise* (2005): com sua recusa radical da auto-hagiografia, o livro exige do leitor um esforço quase detetivesco para discernir, sob a trama teórica da análise sociológica, o indivíduo concreto que ali se esquadrinha. Miceli, em contrapartida, veio a aproximar-se cada vez mais da postura do historiador weberiano, para quem os debates teóricos se subordinam às exigências do objeto empírico e os embates conceituais se desenrolam por meio do tratamento do material. Daí sua elaboração, ao longo do tempo, de um léxico sociológico próprio, ancorado em Bourdieu, mas versátil e independente em relação ao

sistema canonizado. Os conceitos se deslocam para o pano de fundo, sem sair inteiramente de cena, continuando a movimentar-se em resposta ao que se desenrola no centro do palco dos embates históricos – uma postura que já se esboça no último capítulo de *A força do sentido*.

Não é por acaso, assim, que o livro se encerra com Weber, e não com os durkheimianos ou os marxistas, e tampouco com Bourdieu, que já não é mencionado nas últimas páginas do volume. É como se Miceli encontrasse no sociólogo alemão – um Weber filtrado por Bourdieu, mas, afinal de contas, irredutível a ele – um ponto de apoio para avançar sobre novos terrenos. Já palpável no início do texto, sua voz própria ganha força ao longo do caminho. Percorrendo uma densa trama conceitual, ela alcança um ponto em que a teoria pode, enfim, recuar, permitindo que os próprios objetos – os protagonistas – ganhem centralidade.

O livro constitui, assim, uma tomada de posição que delinea as balizas do que viria a se tornar, nos anos seguintes, um ambicioso programa de pesquisas na sociologia da cultura. Essa orientação se apresenta aqui *in statu nascendi*: furtando-se a um arremate final, a leitura miceliana traça a cartografia dos embates teóricos que informaram a sociologia bourdieusiana e, no mesmo passo, a do próprio autor. No entrecruzamento das perspectivas mobilizadas, revelam-se tanto as escolhas incipientes de cada um quanto os percursos não trilhados ou apenas esboçados. Para o leitor de hoje, a impressão não é de página virada, mas de abertura de novas possibilidades. Mais do que um documento cristalizado de disputas passadas, *A força do sentido* se oferece como uma matriz de tensões ainda a serem exploradas.

Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. ([1974] 2011), *A economia das trocas simbólicas*. 7. ed. Introdução, organização e seleção Sergio Miceli. São Paulo, Perspectiva.
- BOURDIEU, Pierre. (2005), *Esboço de autoanálise*. Tradução, introdução, cronologia e notas de Sergio Miceli. São Paulo, Companhia das Letras.
- MICELI, Sergio. (2022), *A força do sentido*. São Paulo, Perspectiva.
- MICELI, Sergio. (2003), *Nacional estrangeiro: história social e cultural do modernismo artístico em São Paulo*. São Paulo, Companhia das Letras.
- WEBER, Max. (1991), *Economia e sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva*, vol. 1. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília, Editora UNB.